

A menina que gostava do fim das festas

Leonor Tenreiro

Ilustrações de Eugenia Nobati



A Rita era uma menina que gostava de chegar a todas as festas no meio do fim.

Entrava sem ninguém dar por ela, deambulava por salas e quartos, subia e descia escadas... sempre com pezinhos de lã e olhos de veludo.

“Quem disse que o fim de uma festa é uma coisa triste?”, pensava a Rita.

Ela gostava de ver tudo desarrumado, confeitos e serpentinas no chão, migalhas no lugar dos bolos, papéis de embrulho rasgados ou amarrotados, cadeiras de costas umas para as outras e o pó no ar, que mais parecia restos do sol a ir-se embora também, como outro convidado qualquer.

Quando entrava no fim de uma festa, a Rita bailava sem música e sentia que, de alguma maneira, aquela festa tinha estado sempre à sua espera. Era uma rainha e o seu reino era feito de silenciosas gargalhadas que ensaiavam um espectáculo só para ela.

Nunca achou piada a palhaços; irritavam-na! Sempre a tropeçar de propósito, por tudo e por nada. Além disso, tinham bocas largas, brancas e vermelhas que nunca mudavam de posição.

Gostava de trapezistas, isso sim, daqueles que conseguiam no ar o que era impossível em terra: desenhar acrobacias com a leveza de uma almofada, acordando a magia na assistência. Como não havia trapezistas nas festas, atirava almofadas ao ar e imaginava-lhes as voltas e reviravoltas.

A Rita já tinha participado no fim de 49 festas. Para comemorar a 50ª, vestiu-se a rigor. Escolheu o seu vestido amarelo de saia rodada e pôs um laçarote vermelho na cabeça.

Várias pessoas saíam da casa dos avós da Mafalda, uma menina muito mimada que vivia em frente e colecionava brinquedos como quem coleciona pacotinhos de açúcar. Três balões de cores diferentes estavam atados ao portão, anunciando o aniversário da vizinha.

Ao ver o caminho livre, a Rita entrou pelo jardim e rodopiou de alegria. “É festa, é festa!”, disse baixinho, sorrindo, enquanto agarrava nos papéis amarrotados de prendas desembulhadas à pressa. Colocou os papéis coloridos à volta do seu corpo, como se de uma roupa chique se tratasse, e começou a dançar.

De braço estendido, como tinha visto a gente crescida fazer, a Rita não parecia estar sozinha; ora era uma senhora, ora o seu distinto par. Para melhor fazer de homem, a Rita tirava o laço da cabeça e colocava-o ao pescoço. Um verdadeiro cavalheiro, que, no final de cada dança, fingia beijar a mão da bailarina, curvando-se numa vénia bem ensaiada.

No meio da dança, afastou com o pé uns almofadões coloridos, amontoados junto a um velho cedro. Para sua surpresa, encontrou um rapaz, entretido a ouvir música no seu *ipod*. A Rita gritou, dando um salto para trás, e perguntou, com a voz meio a tremer:

- Q-q-q-quem és tu?

O rapaz estava tão espantado como ela:

- Sou o Lucas... E tu?
- Rita! O que é que estás aqui a fazer?



- Escondi-me aqui... a ver se fugia da confusão!... Estou à espera que os meus pais me venham buscar... Já se foram todos embora?
- Estou cá eu, como podes ver!... Mas estavas a fugir de quê? – perguntou a Rita, sentando-se ao lado do Lucas.
- É difícil explicar... eu gosto é do princípio das festas! Aí é que é divertido! Está tudo bem enfeitado, os bolos ainda estão inteiros... A meio, fico cansado de tantos balões, cantigas e gritarias! E o fim... ui, o fim é insuportável!!
- Que engraçado! Eu gosto é do fim! Sabias que eu já apanhei o fim de 50 festas? É tão bom entrar de mansinho num espaço vazio onde já estive tanta gente! Tens mais espaço para dançar, podes inventar coisas para fazer, imaginar convidados, jogos, conversas...
- Mas agora está tudo tão vazio e tão triste... Não há ninguém para brincar... Que piada é que isso tem?

Foi então que a Rita amarrotou os papéis que tinha presos à cintura e os deitou sobre a cabeça de Lucas. O rapaz pôs de lado o *ipod* e começou a atirar-lhe com almofadas. Olharam um para o outro. Começaram a rir, primeiro, baixinho, depois, alto, e cada vez mais alto. As gargalhadas deram lugar a soluços e os dois tiveram de limpar os olhos de tanto chorar a rir.

Brincaram, cantaram, rebolaram, jogaram à apanhada e às escondidas, rebentaram balões e enrolaram-se em serpentinas. E, quando até já alguns meninos da vizinhança começavam a entrar naquela festa, chegaram os pais do Lucas para o levar para casa.

O início e o fim da festa interrompidos mesmo a meio!

O que vale é que o princípio de uma amizade não tem fim!